PECUÁRIA DE CORTE

A produção mundial de carne bovina encontra-se estagnada e seu consumo vem-se restringindo às classes abastadas. No Brasil, a disponibilidade interna declinou, reduzindo-se a produção e aumentando a exportação. Faz-se necessária uma política de longo prazo para retomada do desenvolvimento da pecuária.

ver p. 9 M
Incremento
ver Out. 84 p. 2.

Os avanços da pesquisa científica, tanto no campo da genética (melhoramento das linhagens), como no da alimentação e do controle sanitário, configuraram, na última década, uma expansão da oferta de proteínas de origem animal, proveniente principalmente do aumento da produção de carnes de aves e de suínos (ver Quadro 01). Para isso, contribuiu de modo decisivo o incremento verificado na produção da soja, além do ocorrido nas do milho e do trigo, produtos que, na sua forma integral ou transformada, servem de base à alimentação dos animais (ver Quadro 02).

Esse crescimento da oferta de carne de animais de ciclo curto, que se deu em âmbito mundial (no Brasil, a sua vertente foi o crescimento vertiginoso da avicultura, na década de 70), adveio de uma política direcionada nos países industrializados, em razão dos sempre crescentes custos de produção da carne bovina. No caso da *Comunidade Econômica Européia*, cabe um parêntese, para consignar que a *Política Agrícola Comum* estimulou, igualmente, por longo tempo, a pecuária bovina.

No longo prazo, o resultado mais evidente foi a elevação do preço da carne de boi, cuja produção praticamente estagnou no período, tornando seu acesso restrito às camadas mais abastadas da população e acentuando a sua imagem de produto *nobre*. Não obstante essa *nobiliarquia* originar-se apenas de determinadas partes do animal, o certo é que o processo de encarecimento verificado no longo prazo generalizou-se para todos os tipos de corte (dianteiro ou traseiro), expelindo do mercado amplos segmentos populacionais que eram habituais consumidores.

No Brasil, embora de forma um tanto retardada, pois a ênfase na internacionalização da economia deu-se na década passada, repete-se o fenômeno que ocorreu no plano mundial. A elevação dos preços reais do boi gordo, apesar da oscilação intensa do ciclo pecuário, registrada nos últimos trinta anos, refletiu a relativa estagnação da oferta, causando a instabilidade do abastecimento interno, marcado por crises freqüentes e agudas ao longo do período. Houve fases de abundância, embora raras, quando a população,

QUADRO 01 – PRODUÇÃO MUNDIAL (EM EQUIVALENTE-CARCAÇA), DE CARNES BOVINA, SUÍNA E DE FRANGOS 1973–77 (MÉDIA) E 1984

PRODUTO	MÉDIA DE 1973–77 (1.000 t)	1984 (1.000 t)	VARIAÇÃO (%)
Carne bovina[1]	39.379	41.442	5,2
Carne suína[2]	30.834	37.571	21,8
Carne de frango[3]	15.252	23.395	53,3

FONTE – USDA – Foreign Agriculture Circular.
[1] 50 países. [2] 35 países. [3] 36 países.

QUADRO 02 – PRODUÇÃO MUNDIAL DE MILHO, SOJA E TRIGO 1974–77 (MÉDIA) E 1984

PRODUTO	MÉDIA 1974–77 (1.000 t)	1984 (1.000 t)	VARIAÇÃO (%)
Milho	314.800	350.000[1]	11,2
Soja	64.518	82.200	27,4
Trigo	373.290	489.500	31,0

FONTE – USDA – Foreign Agriculture Circular.
[1] A produção em 1984 foi excepcionalmente baixa, em virtude da quebra abrupta da safra norte-americana. A produção mundial, em condições normais, situa-se próxima dos 440 milhões de t.

devido à baixa dos preços, pôde suprir-se mais do produto. No período 1960–75, no entanto, as crises foram intensas, em virtude das quedas abruptas na oferta e do maior poder de compra da população em geral. Nesta fase, o governo federal intensificou o processo de intervenção no mercado, chegando, em alguns casos, a ameaçar com o confisco *manu militari* dos rebanhos particulares.

Acrescente-se que nesse período não se registraram melhoras no nível alimentar da população, uma vez que o aumento da oferta de carne de aves só veio a se verificar de modo acentuado na segunda metade da década de 70.

Apesar de todos esses percalços no âmbito do consumo, do ponto de vista do pecuarista, a conclusão que avulta é o bom nível da sua lucratividade, mantido ao longo do período 1953–82, o que é demonstrado pela evolução dos preços do boi gordo (ver *Agroanalysis*, vol. 1, nº 10 e vol. 8, nº 6), onde os *picos* e os *vales* de um ciclo pecuário superaram, de modo geral, os dos precedentes. Essa tendência ascendente dos preços, vinculada que está ao poder de compra da população, perdurou enquanto cresceu a economia. Na presente década, em presença da recessão, o comportamento do ciclo pecuário começou a evidenciar discrepâncias relativamente à tendência histórica.

Em primeiro lugar, o vale terminal do ciclo iniciado em 1977, verificado em 1982, situou-se em nível inferior ao do ano inicial, não obstante 1977 ter sido o ano em que se registrou o maior consumo *per capita* (20,5 kg) de carne bovina no país. A amplitude, pois, do ramo descendente do ciclo (1979–82) foi muito maior, expressando a intensidade do achatamento salarial da classe média (principal segmento consumidor do produto), no período. A alta de preços registrada em 1979, ao atingir patamares inusitados (o boi gordo chegou a ser cotado a Cr$ 137.513/@(*) em setembro), foi considerada excessiva pelos próprios pecuaristas. Recorde-se que, naquele ano, importou-se mais do que foi exportado de carne bovina, devido a sua pequena produção e à elevada gravosidade. Na época, porém, não se registrou crise aguda no abastecimento.

QUADRO 03 – PREÇOS REAIS[1] RECEBIDOS PELOS PRODUTORES NO ESTADO DE SÃO PAULO E PREÇOS DA CARNE BOVINA NO VAREJO DA GRANDE SÃO PAULO 1977–85

ANO	ESTADO DE SÃO PAULO PREÇOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES			PREÇOS NO VAREJO NA GRANDE SÃO PAULO
	Bezerro (Cr$/cab)	Boi magro (Cr$/cab)	Boi Gordo (Cr$/@)	(Cr$/kg)
1977	213.316	541.620	64.680	7.359
1978	374.112	796.725	84.993	7.561
1979	653.813	1.178.211	115.342	11.754
1980	614.451	1.055.387	99.479	10.762
1981	345.509	640.016	70.077	8.537
1982	241.709	517.734	60.366	8.062
1983	349.915	703.072	74.905	9.263
1984	460.832	849.721	81.678	8.900
1985[2]	374.742	690.220	64.302	7.391

FONTE DOS DADOS BÁSICOS – IEA–SP.

[1] **Corrigidos pelo IGP–DI, para março de 1985.**

[2] **Média de janeiro e fevereiro.**

A reação dos preços dos produtos pecuários (bezerro, boi magro, boi gordo e carne bovina) a partir de 1983, caracterizava, pois, o início de outro ciclo pecuário, que os criadores, a princípio, esperavam viesse a se assemelhar à alta ocorrida no período 1977–79. Houve, então, o renascimento da euforia, indefectível nesses momentos, com os preços dos animais de reposição (bezerro e boi magro) disparando na frente. Contudo, o processo recessivo da economia, agindo de modo decisivo na área do consumo, passou a impor o seu ritmo, determinando majorações bem menos intensas para o boi gordo e para o varejo da carne bovina. Em 1984, os efeitos da compressão salarial foram de tal modo acentuados que se pode dizer até que *abortaram* o processo de alta, que, para muitos, prolongar-se-ia até 1985. De fato, foi pequena a alta de preços para cada produto pecuário (bezerro, 31,7%; boi magro, 20,9% e boi gordo, 9%) quando comparada à de 1979. O preço da carne no varejo, que normalmente segue o movimento dos demais produtos pecuários, registrou, ao contrário, uma queda de 3,9% em 1984, demonstrando novamente que o *gargalo* do mercado residia na impossibilidade de repasse das majorações ao consumidor (ver Quadro 03). A gravidade da situação se aguça ao se verificar que a baixa dos preços coincide com a redução da disponibilidade interna do produto (–12%)(**), derivada da me-

(*) **Em cruzeiros de março de 1985.**

(**) **Houve uma importação, em 1984, de cerca de 20 mil t de carne.**

QUADRO 04 – BRASIL – ABATE DE BOVINOS E PESO DAS CARCAÇAS 1983–84

DISCRIMINAÇÃO	ANO DE 1983				ANO DE 1984			
	Total	Boi	Vaca	Vitelo	Total	Boi	Vaca	Vitelo
Abate (1.000 cab)	11.524	7.606	3.827	92	10.095	7.182	2.860	53
Peso das carcaças (t)	2.359.975	1.704.923	646.743	8.310	2.153.050	1.653.382	494.997	4.671
Peso médio (kg)	204,8	224,2	169,0	90,3	213,3	230,2	173,1	89,1

FONTE – IBGE.

nor produção (–8,8%) e do aumento (+ 4,9%) das exportações (ver Quadros 04 e 05).

A análise do comportamento do mercado internacional de carnes permite uma compreensão mais efetiva de seus reflexos no âmbito interno, uma vez que não foram poucas as mudanças nele ocorridas na presente década, quando o Brasil aumentou fortemente as vendas de carne bovina, tornando-se o segundo maior exportador mundial. Com a irrupção da segunda crise que atingiu a economia internacional, em 1979, os países industrializados, de um modo geral, trataram de reduzir as suas importações de carne bovina, estimulando maior expansão do consumo das carnes suína e avícola. O aumento no consumo de carne bovina em alguns países (*EUA, Japão, Coréia, Filipinas* e *Formosa)* não foi suficiente para compensar a queda verificada em 48 países, da ordem de 4,7%, no período 1980–83, segundo dados do *USDA*. Desse modo, a expansão das vendas brasileiras proveio mais de problemas conjunturais de alguns países (*Austrália,* com a diminuição da produção por motivo de secas e recomposição do rebanho; *Argentina,* por razões de clima, além da Guerra das Malvinas) do que do crescimento da demanda mundial. Neste contexto, a parcela conquistada pelo Brasil não se deu sem um certo sacrifício, configurado em subsídios, uma vez que os preços internacionais tornaram-se cadentes, a partir de 1980.

O comportamento da *CEE,* pelas suas singularidades, merece abordagem específica, pois, no período, passou de tradicional mercado importador para exportador líquido. A região, ao decidir reduzir também o consumo interno da carne bovina, em favor das substitutas, viu-se às voltas com grande estoque (atualmente, estima-se que seja da ordem de 700 mil t), tornando-se vítima da própria política de investimentos maciços (subsidiados) na pecuária. As medidas recentes de redução do nível de subsídios à produção de carne bovina (e de leite), têm acarretado, no curto prazo, aumento dos estoques, pela redução forçada do rebanho via abate de matrizes, obrigando a *Comunidade* a oferecer o produto, a preço de *dumping,* até mesmo a países produtores exportadores, como o *Brasil*, *Uruguai* e *Argentina*, à semelhança do ocorrido em 1984.

Embora a pletora de oferta da *Comunidade* seja transitória, tem afetado os países exportadores tradicionais, pelos transtornos gerais causa-

QUADRO 05 – BRASIL – EXPORTAÇÃO DE CARNE BOVINA 1983–84

ANO	CARNE BOVINA CONGELADA, FRESCA OU REFRIGERADA			CARNE BOVINA INDUSTRIALIZADA		
	Quantidade (t)	Valor (FOB) (US$ 1.000)	Preço (FOB) (US$/t)	Quantidade (t)	Valor (FOB) (US$ 1.000)	Preço (FOB) (US$/t)
1983	120.297	210.318	1.748,32	128.863	306.338	2.377,23
1984	115.397	214.528	1.859,04	141.569	307.406	3.171,42
Variação (%)	4,1	2,0	6,3	9,9	0,3	8,6

FONTE – Funcex.
NOTA – Em equivalente-carcaça, foram exportadas 502.603 t e 527.018 t, em 1983 e 1984, respectivamente, significando um acréscimo de 4,9%.

dos ao mercado. No Brasil, os reflexos têm sido intensos, visto que, ante à deterioração do poder de compra da população, a saída buscada pela atividade tem sido a ampliação das exportações. A respeito, vale notar que as perspectivas pouco favoráveis do mercado internacional não são meramente conjunturais, uma vez que as exportações de carne bovina estão estacionárias, aproximando-se de 3,7 milhões de t, como há cerca de dez anos.

No âmbito interno, com a estagnação dos preços nominais do boi gordo (Cr$ 54.000/@, no estado de São Paulo) desde setembro de 1984, a crise, que foi benévola à pecuária no biênio 1983–84 (permitiu até uma pequena retomada nos preços dos produtos bovinos), parece ter atingido seu pico. A oferta abundante de animais para abate, a possibilidade de melhora no nível de preços(***) sendo mínima, em face da política salarial ainda vigente e as poucas perspectivas do mercado externo têm trazido a problemática da pecuária novamente aos noticiários, que passaram a abrigar sucessivas reivindicações e sugestões de seus representantes. Uma delas é a volta imediata do governo ao mercado, como comprador, de modo a estancar o processo de baixa dos preços. Essa proposta (*enxugamento* do mercado em 130 mil t) tem causado intensa controvérsia, visto que, para alguns, representa renúncia aos princípios da economia aberta, reivindicados tenazmente pelos pecuaristas, em anos recentes, quando a *Cobal* administrava os estoques reguladores nas entressafras. A oposição a esse retorno do governo ao mercado fundamenta-se nas distorções, que prevaleceram até 1981, consideradas danosas (ao ver dos pecuaristas) à produção. De qualquer modo, consideram que a pecuária bovina de corte, pela sua importância na economia, está a merecer um tratamento político estrutural de longo prazo, de modo a reduzir a instabilidade da oferta, através do aumento de produção, tendo em vista o suprimento mais adequado do mercado interno, já que os avanços obtidos na frente externa parecem estar próximos aos limites de sua potencialidade, no médio prazo. Neste sentido, é pertinente lembrar que, de um lado, a expansão da atividade dependerá obviamente da retomada do desenvolvimento econômico, que garanta ganhos efetivos aos assalariados. De outro, cabe aos pecuaristas a responsabilidade de tornar mais eficiente a produção, de modo a que a oferta de carne seja mais estável, pela melhoria dos índices zootécnicos (idade de abate, taxa de natalidade etc) do rebanho.



(***) **A reversão de expectativa nas cotações no *mercado futuro do boi gordo* na *Bolsa de Mercadorias de São Paulo* é boa indicação de como poderão evoluir os preços no corrente ano: as cotações para outubro de 1985, que, em setembro de 1984, ultrapassaram a casa dos Cr$ 150 mil/@, em março p.p. eram de apenas Cr$ 120 mil, enquanto que, somente em abril de 1986, atingir-se-ia novamente o patamar de Cr$ 150 mil/@.**